

**HERBERTO HELDER:
A POESIA INESPERADA**

*Silvia Niederauer**

Herberto Helder, um dos nomes mais importantes da Literatura Portuguesa contemporânea, em seu poema “Em silêncio descobri essa cidade no mapa”, inserido na obra *A máquina lírica*, busca desvelar a condição humana através da palavra, o centro primordial e irradiador dos sentidos vários que assume o texto poético.

* Professora do curso de Letras do Centro Universitário Franciscano de Santa Maria (RS).

Para uma leitura crítica da obra de Herberto Helder, em especial o poema “ Em silêncio descobri essa cidade no mapa”, inserido na obra *A máquina lírica* (1964), deve-se ter em mente que sua poética é densa, hermética e prima pelo rigor da expressão, em uma constante luta com a linguagem.

Herberto Helder, artista da palavra, é dono de uma lírica de difícil classificação, pois apresenta a originalidade instigante daquele que sabe subverter estruturas e desarticular temas, construindo um novo universo poético. O discurso lírico herbertiano intenta, antes da representação da realidade, um questionamento e uma busca constante, quando, e aí sim, o real se dá a conhecer.

O poeta madeirense parece seguir a trajetória do texto sagrado que diz que no princípio era o Verbo. Também para ele a palavra é origem, travando, então, o embate desafiador com o papel em branco, buscando o encontro com a palavra reveladora.

Todo poema significa, mas significa de outro modo, diferente daquela significação da fala cotidiana. Em um poema, o vocábulo assume um outro dizer, ou seja, passa a ser símbolo e a exprimir o indizível. Através das figuras, seja de linguagem ou de pensamento, os vocábulos/palavras passam a assumir a posição de gestos, pois produzem um sentido novo, inédito.

Aqui, então, reside a grande luz que se irradia por todos aqueles que freqüentam a leitura da poética helderiana. Ninguém sai impune a sua obra, uma vez que ela é provocativa e seu dizer é, no mínimo, surpreendente.

Herberto Helder é, sem dúvida, um nome que ocupa um lugar central na literatura portuguesa. Seu primeiro poema data de 1954, e sua trajetória artística é intensa através da publicação de diversas obras, entre elas *O Amor em Visita* (1958), *A Colher na Boca* (1962), *Os Passos em Volta* (1963), *Electronicolítica* (1964). Esta última, que é o mote do presente estudo, foi escrita no ano de 1963 e publicada no ano seguinte. A partir de 1967, quando foi incluída em *Ofício Cantante*, passa a designar-se com o nome de *A Máquina Lírica*.

Seu trabalho com as palavras promove a desarticulação de toda uma tradição poética lusitana e impõe uma voz nova no cenário das letras universais. Pode-se dizer que o poeta em estudo, nascido no dia 23 de novembro de 1930, no Funchal, apresenta uma poética de inspiração surrealista (mesmo que tardia), movimento cuja origem está centrada no ano de 1924, especialmente calcada no nome de André Breton. O Surrealismo representa a tentativa de romper com as coisas que são, substituindo-as por outras em sua gênese. Assim, o essencial da mensagem desse movimento está no apelo à liberdade total do espírito.

A poética helderiana, de certa forma, apresenta essas características, mas vai além do experimentalismo de uma literatura fundada nos con-

teúdos oníricos e do inconsciente, fixada por uma “linguagem automática”. Afastando-se da proposta dessa linha, Herberto Helder guia sua arte poética pelos caminhos da metáfora e da fruição verbal, trabalhando, ao mesmo tempo, com a pesquisa detalhada e a fragmentação estilística.

O autor de *A Máquina Lírica*, mesmo tendo sofrido influências surrealistas, apresenta em sua obra características do movimento experimental português, tanto que, em 1964, juntamente com António Aragão, editou alguns volumes de *Poesia Experimental*, entre outras publicações.

É possível perceber, também, vestígios de uma corrente neo-romântica ao lado da corrente experimental, o que comprova a impossibilidade de confinar Herberto Helder em apenas uma escola ou movimento literário. Sua criação poética é tão rica que se torna impossível detectar linhas de uma única estética, dado que em sua obra, e até mesmo em um único poema, várias estéticas estão alinhadas.

Voltado a uma tradição de ruptura, Herberto Helder apresenta uma poesia experimental/concreta, onde a transfiguração lírica, através de imagens desconcertantes para os sentidos, promove a estranheza que engendra representações sensíveis.

O poema “Em silêncio descobri essa cidade no mapa”, inserido na obra *A Máquina Lírica*¹, é exemplar no que se refere ao domínio das imagens como “revelação”. Nesse poema, é retomado o ato da escrita como descoberta em um tempo pretérito: “Eu escrevia”, o que ao lado da cidade, igualmente desconhecida, também exerce fascínio e surpresa.

É assim que ‘cidade’ equivale à poesia: palavras-chave que traduzirão uma existência real ao eu-lírico, ou seja, as palavras são a substância essencial do mundo. O poema é dirigido, quase inteiramente, à descoberta e o poeta (eu-lírico) abandona-se à fascinação da novidade da criação verbal. Esse clima de descoberta leva à epifania, à eclosão de um instante excepcional, onde as forças da vida se polarizam em torno de uma nova realidade.

O silêncio é revelador do momento da descoberta: “Em silêncio descobri essa cidade no mapa”. E é no mesmo silêncio que o poeta escreve, produz e escuta a si próprio: “Eu escrevia, aplainando na tábua todo o meu silêncio”. Ao mesmo tempo em que o silêncio é solidão, o poeta parece estar em comunhão com a luz que é o mundo, pois associa o silêncio à força do girassol que, como ele, “se descobre como uma gota no mundo”.

A descoberta do mundo/cidade e da escrita/letra dá-se de forma lenta e gradativa: “aplainando tábuas lentas como rosas vigiadas”. É então que a poesia parece estar prestes a se tornar um modo de conhecimento de uma nova ordem, agora particular, com relação à arte, especialmente à poética.

¹ HELDER, Herberto. *Poesia toda*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1990. Todas as citações foram retiradas dessa edição.

Se poesia já foi considerado todo o discurso versificado e com ornamentos e regido por imagens e sonoridades especiais, a poética helderiana propõe apreender uma realidade além daquela que é vista pelo mundo exterior. Dito de outra forma, a poesia não traduz mais aquela função tradicional de divertir ou “elevar almas”, mas, sim, promover o descortinamento de um novo olhar sobre aquilo que já existe. As coisas que rodeiam o poeta e, por extensão, o leitor da poesia, já existem. O que há de novidade é a palavra artística colocada de outra forma para que nós, leitores, tomemos conhecimento de uma realidade mais autêntica. E é justamente isso que a poética helderiana pretende fazer – um convite a questionamentos e descobertas acerca de um mundo inesperado e até mesmo estranho.

A comparação estabelecida entre ‘cidade’ e ‘poesia’ aponta para essa possibilidade de um olhar diferenciado sobre aquilo que parece simples e comum. No poema em estudo, o eu-lírico extasia-se diante da cidade que ele revê, agora, de forma inusitada: “em silêncio descobri essa cidade no mapa a toda a velocidade”. Segue, ainda, com o olhar inquiridor e cheio de surpresas ao dizer que a imagem revelada é “como se descobre uma letra [poesia] de outra cor no meio das folhas”. Aqui, as palavras ganham a força de “sopro divino”, como se, de fato, acontecesse uma epifania através, também, da palavra original, primeva.

Aos poucos, o eu-lírico vai reconhecendo como sua a cidade e, conseqüentemente, a poesia: “Era a minha cidade no norte do mapa”, “estremecendo em mim com folhas, escrevo no mundo”.

Ao poeta cabe a tarefa de propor ao leitor a experiência de olhar a realidade sob um prisma diferente: o prisma da arte. Herberto Helder faz justamente isso, pois em sua poética, e neste poema especificamente, o leitor necessita retirar a armadura que o reveste para deparar-se com palavras desconcertantes e combinações inusitadas. É exemplar desse desconcerto o aparecimento das palavras “peixe”, “sangue”, “seiva”. Os “peixes” movem-se dentro do “sangue” (“os peixes batendo dentro do sangue”), assim como a “seiva” transita dentro da planta: “uma gota de seiva lenta”.

Para desvendar essa realidade ainda não vislumbrada, o discurso helderiano se vale do processo metonímico, mais próximo da prosa, para que a comunicação de fato se efetive. Assim, o autor luta pela expressão pura, mostrando a importância da linguagem, usando como recurso lingüístico um discurso próximo da linguagem coloquial. Daí contar com a cumplicidade de seu interlocutor, pois enuncia o poema que foi penoso para ele, poeta, mas que para o leitor traduz-se de maneira quase translúcida, mesmo que nem tudo tenha sido dito.

O “Mundo sombrio” assim aparece porque um novo olhar ainda não foi possível, ou seja, a “gota sombria” e o “mundo sombrio” representam a visão comum sobre tudo, sem a novidade de imagens que o poeta vai desenhando com curvas inesperadas como miragens do pensamento.

Esse poema é quase um quadro, onde o poeta/pintor, a cada palavra/pincelada, deixa entrever uma imagem nova que, através de encantamento poético, vai harmonizando os sentidos e formando uma obra de arte.

A estruturação desse poema dá-se de forma crescente, da mesma maneira que o deslumbramento de uma nova descoberta. Primeiro, a visão inicial de algo ainda não vislumbrado e seu encantamento (*em silêncio descobri... como se descobre uma letra de outra cor*). Aí está o estremecimento provocado pela novidade, como uma pulsação incessante “batendo como sangue”. Decorre da descoberta, o sentimento de posse em que “a minha cidade” passa a ser desvendada vagarosamente, pois, ao mesmo tempo em que se desnuda do “mundo sombrio”, esse desvelamento não é simples e nem fácil, uma vez que o poeta a desvenda “pelas letras dos espinhos”. Aqui inicia a tentativa de produzir alguma coisa que irá se concretizar logo a seguir, quando “eu escrevia, aplainando na tábua”. É então que, mesmo silenciosamente, a “seiva”/escritura segue o “girassol”, “estremecendo como as letras nas folhas de outra cor”. A partir daí, o eu-lírico insere-se verdadeiramente no mundo que ele próprio desvendou: “cidade que aperto... no ar do mapa”, e o amor surge: “eu amo lentamente até ao fim”.

A arte pictórica sugerida pelo poema é quase uma colagem de imagens visuais diversas, que o artista-poeta pincela gradativamente. O colorido representado por palavras sugestivas como “sangue”, “cor”, “folhas”, “girassol”, “rosas”, “pêra”, demonstra a plasticidade da invenção verbal helderiana. Esse processo criativo, que não cabe na limitação de amarras estéticas, é singular, pois Herberto Helder concebe a criação lírica como uma atividade corporal, no desejo de alcançar a palavra e/ou expressão não dita. O “eu” elege a descoberta de uma cidade no mapa para desvendar um outro processo, muito mais implícito e difícil, que é o fazer poético ideal, com toda a força de construção necessária para daí, então, alcançar a visão universal proporcionada pelo texto artístico.

Importante ainda ressaltar que o “eu” está sozinho e no silêncio, reforçando a idéia da concepção artística como trabalho árduo e infatigável do artista com o seu instrumento de trabalho – a língua. O desejo da palavra pura, perfeita, está exatamente nesta luta incansável pela melhor imagem, revelada aqui por vocábulos que têm a função de expressar a vastidão de imagens e de sentidos que a poética pode proporcionar.

Essa luta/conquista alia elementos da natureza – peixes, girassol, rosas, folhas – a um “eu” que, unindo-se a eles, encontra e se insere no ambiente comum, mas sabe, através dele, espreitar de outro modo, desvelando um outro mundo, menos óbvio e mais trabalhado. É o olhar do artista sobre a mesmice que faz a diferença.

De acordo com Maria de Fátima Marinho (1982), em “*A Máquina Lírica* o processo de construção repete-se de um poema para outro. Uma imagem, apresentada no início, vai-se modificando, de forma a manter sempre subjacente a idéia inicial, sem deixar, contudo, de ir adquirindo os novos conceitos” (p. 93). Nesse entrelaçar de temas que resgatam a linha norteadora da obra podemos, uma vez mais, perceber o trabalho artesanal e intelectual do artista. Na tentativa de manter o tecido poético amarrado dentro de uma proposta, há o desejo de montar uma teia que congregue o fazer poético e a comunicação, para que a poesia rompa fronteiras e esteja-beleça seu espaço no mundo cotidiano.

O próprio nome da obra em estudo, *A Máquina Lírica*, já traduz essa vontade de participar como membro integrante do mundo moderno: é uma máquina de fazer poemas. A metáfora para poeta é, de fato, inusitada: o poeta como máquina que produz incessantemente seu produto, como se não houvesse o trabalho com o sentimento, a sensibilidade humana. Aqui também há a surpresa e a estranheza próprias da poética helderiana. O impacto causado pelo título já nos leva a olhar os poemas contidos ali de outra forma, com um olhar mais inquiridor e até mesmo desconfiado. Ao se colocar como máquina de fazer poemas, o poeta quer assumir a postura de que, mesmo sendo máquina, é lírico, isto é, tem a sensibilidade, a emoção necessária para que o poema exista em um mundo, às vezes tão frio quanto o mundo das máquinas.

O fazer poético, o ato da criação, se impõe como uma atividade vital ao poeta-máquina, mas a escrita/produto que dali resulta é a síntese da ambigüidade de uma combinação insólita: de um lado, a máquina; de outro, o lirismo capaz de desestruturar tudo aquilo que já parecia pronto e acabado. No mundo da poesia, há sempre lugar para uma ‘nova máquina’ que possibilite a revisitação, via emoção, para a instabilidade dos sentidos todos que habitam o homem.

SILVIA NIEDERAUER

Referências Bibliográficas

HELDER, Herberto. *Poesia Toda*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1990.

MARINHO, Maria de Fátima. *Herberto Helder: a obra e o homem*. Lisboa: Arcádia, 1982.